

DO MEIO IMPRESSO PARA O DIGITAL:

HIPERTEXTO E ESCRITA TOPOGRÁFICA NO CASO DO BOLETIM DE OCORRÊNCIA*

Denise dos Santos Gonçalves - Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais

RESUMO: A possibilidade de redigir, em meio eletrônico, textos que tradicionalmente eram produzidos no meio impresso, tem ensejado estudos sobre os efeitos que a mudança do suporte determina no gênero textual, na medida da interferência (MARCUSCHI, 2008) e das especificidades que provoca (RIBEIRO, 2005). A análise das alterações estruturais implantadas no gênero Boletim de Ocorrência (BO) utilizado pela Polícia Militar de Minas Gerais (PMMG) com o advento da implementação da escrita no ambiente virtual – em substituição ao formulário impresso, possibilitou identificar alguns dos efeitos que um novo suporte pode conferir ao gênero. Além disso, permitiu perceber como a presença dos hipertextos digitais potencializa e naturaliza a escrita topográfica (BOLTER, 1994) e instaura uma nova forma de lidar com o gênero.

PALAVRAS-CHAVE: Suporte. Gênero textual. Hipertexto. Escrita topográfica. Boletim de Ocorrência.

PARA COMEÇO DE ESCRITA

As Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) continuam a permitir a reinvenção de tarefas que eram realizadas com mais esforço e menos precisão. No mundo do trabalho, as práticas têm se aperfeiçoado com a utilização das TIC, que figuram nos planejamentos estratégicos, relacionadas à possibilidade fortalecer as empresas, gerando efeitos nas formas como perseguem suas metas.

A implementação das TIC na rotina das organizações permite o revigoramento de produtos e serviços. Para manter essa abordagem no domínio dos gêneros textuais, é possível inventariar uma série de exemplos de como a prática das empresas se favorece do uso do computador e da internet. É assim com os documentos bancários, com as notas fiscais eletrônicas, com as certidões que muitos órgãos públicos já expedem, com a publicidade, os

* Acesso ao registro da comunicação em Fórum: <<http://www.textolivre.org/forum/viewtopic.php?f=12&t=3827>>.

comunicados e os convites, que circulam por e-mail e pelas redes sociais, renovando o que tramitava em cartazes, jornais, revistas, panfletos e cartas.

Mas, do ponto de vista do redator, o que traz de novo a adoção do computador e da internet como recursos para utilizar a escrita? Em que medida a alteração do suporte modifica também a natureza das operações físicas e mentais próprias do ato de escrever? Quando se afirma que as organizações e os clientes se beneficiam do uso das TIC, o mesmo pode ser dito em relação aos profissionais que operacionalizam os produtos e serviços que se materializam na forma de textos?

Para refletir sobre esses pontos, analisou-se o caso do Boletim de Ocorrência (BO) utilizado na Polícia Militar de Minas Gerais (PMMG), documento tradicionalmente produzido em meio impresso, que passou a ser redigido na internet, estabelecendo procedimentos diferentes dos que eram executados até então. Buscou-se, em vista desse caso concreto, relacionar algumas teorias sobre a escrita no computador e na internet com a prática real de produção do gênero.

O GÊNERO BOLETIM DE OCORRÊNCIA E A TRANSPOSIÇÃO DO SUPORTE

O BO é o documento, produzido pelo policial militar, para contar os fatos referentes à ocorrência policial. Trata-se de um gênero relacionado à missão final da PMMG, tradicionalmente produzido na versão manuscrita, com a utilização de formulários padronizados para cada parte do documento. Esses formulários contemplavam tabelas que orientavam o registro, em campos próprios, das informações sobre as pessoas envolvidas – vítima, autor, testemunha etc.; suas características físicas e outras formas de identificação – idade, cor da pele, tatuagem, filiação, endereço; sobre o local do fato – rua, número, bairro etc., dentre outros.

No ano de 2003, instituiu-se a produção do BO no ambiente virtual do Sistema Integrado de Defesa Social, com o objetivo de reunir, em um único banco de dados, todas as informações de interesse da segurança pública no estado de Minas Gerais. Essa medida representou a transposição do meio impresso para o virtual, com a disponibilização de uma estrutura que estabelece novas condições de escrita.

Formulário impresso e ambiente virtual se enquadram no que foi definido por Marcuschi (2008) como suporte: “um locus físico ou virtual com formato específico que serve de base ou ambiente de fixação do gênero materializado como texto” (MARCUSCHI, 2008, p. 174), ideia que acarreta três aspectos: “a) suporte é um lugar; b) suporte tem formato específico; c) suporte serve para fixar e mostrar o texto” (idem). Assim, o linguista esclarece que suporte é imprescindivelmente real, ainda que exista em uma realidade virtual, e tem influência no gênero, muito embora a natureza e o alcance dessa interferência ainda não sejam ponto pacífico.

Nessa linha de raciocínio, têm-se o suporte formulário para o BO manuscrito e o suporte ambiente virtual para o informatizado. Ambos preenchem os requisitos de lugar, formato físico e função de mostrar o texto. As peculiaridades de cada uma dessas modalidades¹ – assim entendidas a extensão física, a aparência estética, a forma de acesso e os próprios recursos que lhes são inerentes, determinam a maneira como o profissional trabalha com elas, o que permite abordagens nas mais diversas áreas de pesquisa. Interessa, para o presente artigo, situar a escrita desse gênero nos estudos linguísticos, especialmente aqueles que se preocupam com os efeitos da utilização das TIC em substituição a outras tecnologias nos processos de escrita dos gêneros, com o objetivo de ampliar os conhecimentos sobre como a experiência da escrita se modifica com a alteração do suporte.

Uma das características dos textos produzidos na internet é a presença do hipertexto, o “texto digitalizado, fluido, reconfigurável à vontade, que se organiza de forma não linear, em arquiteturas reticulares” (SANTAELLA, 2005, p. 24). Muito embora o hipertexto já estivesse presente na versão manuscrita² é no meio digital que ele modifica as formas de produzir o texto, já que indica, para o próprio escritor, possibilidades de organizar a escrita, na proporção que categoriza e assinala partes do gênero que não precisam ser preenchidas em uma ordem rigorosamente determinada. No BO atual, os hipertextos são assinalados pelas diversas abas que indicam categorias de informações próprias do gênero, cuja ordem de preenchimento depende exclusivamente da escolha do redator.

Ribeiro (2005) dedicou-se a estudar os efeitos que as novas tecnologias acarretam nos processos de leitura e de escrita, a partir da percepção de que, na história da humanidade, cada invenção gerou especificidades, criou novos gêneros e novas possibilidades: isso ocorreu com a evolução dos suportes utilizados para a escrita alfabética, fossem eles a tabuleta de cera, um pedaço de couro ou o próprio papel. Assim,

com o passar do tempo e desenvolvimento dos recursos, os suportes e as ferramentas para escrever e ler mudaram. A prática do leitor fornece subsídios para que os produtores de material escrito e/ou de dispositivos para leitura possam repensar, reprojeter e reinventar materiais e recursos, de acordo com a demanda constante do leitor, que busca conforto, eficiência, eficácia, portabilidade e compreensibilidade. (RIBEIRO, 2005, p. 126-127).

No caso do BO, as novas ferramentas são o computador e a internet, recursos cujo uso supõe conhecimentos técnicos e novos processos de utilização. Não existe, agora, o movimento de preencher um primeiro formulário, virar a página, para depois continuar a escrita nos locais indicados pelas lacunas em branco do papel. Atualmente, a partir da

1 Adotamos, neste trabalho, o termo modalidade para referenciar as duas formas de apresentação do BO: modalidade produzida no formulário impresso e modalidade gerada no ambiente virtual.

2 Como existem divergências quanto ao assunto, é relevante esclarecer que este artigo parte do entendimento de que o hipertexto não é próprio dos textos digitais. Comungamos com Ribeiro (2005) o entendimento de que essa forma de estruturar textos sempre existiu, muito embora tenha sido potencializada com os fenômenos do computador e da internet.

operação inicial de acessar o documento – o que se dá com o uso de senha pessoal, o redator escolhe a sequência de escrita, da forma que lhe parecer mais coerente, ou até mesmo diante do que lhe for possível em cada situação. Isso porque o texto pode ser rearranjado, recortado, colado, movimentado com uma facilidade que não era possível na versão manuscrita.

Essas operações físicas podem ser comparadas com aquelas realizadas pela mente quando organiza textos. Isso acontece porque, mentalmente, os textos são processados em etapas: de uma ideia formulada se excluem algumas, outras se aglutinam e todas são rearranjadas, até que se configurem da maneira que o emissor considere mais apropriada.

Bolter (1994) denominou de escrita topográfica esse processo de arranjar e rearranjar o texto no local da escrita. O emprego do vocábulo topográfico, originalmente relacionado à descrição de um lugar e posteriormente estendido à ideia de mapear – e conseqüentemente de descrição visual e verbal, se amolda ao que ocorre com a utilização do computador para fixar e mostrar o texto.

Focando nas formas de produção textual, ou seja, no ponto de vista do redator, Bolter (1994) explicou que o hipertexto altera a natureza do ato de escrever, pois facilita a possibilidade de manipular os tópicos. É graças ao hipertexto que o escritor pode pensar e escrever em termos de unidades ou tópicos verbais e organizar o conjunto do texto à medida que escreve. Para o autor, a escrita, de maneira geral, é topográfica, já que pressupõe o uso dos espaços para organização do texto. No entanto, é no computador que a escrita topográfica se potencializa e se torna natural.

Também para Cavalcante (2010), o autor de um texto virtual se compara a um explorador de um território, embora para ele não exista uma única trilha a ser traçada e, como resultado dessa exploração, “o que temos de fato é o delineamento de um espaço, demarcado por alguns pontos de referência (links) que remetem a outros espaços (nós), como mapa de uma localidade qualquer” (CAVALCANTE, 2010, p. 204).

Nesse aspecto, o BO produzido no ambiente virtual também favorece a escrita topográfica já que, a partir dos hipertextos sinalizados pelas abas disponíveis, o relator pode decidir refazer o percurso de escrita, a partir da organização do texto em sua própria mente.

Mas é aplicando essas peculiaridades às circunstâncias concretas em que se dá a produção do BO que se pode perceber os efeitos da transposição do suporte na prática da escrita do gênero. Grosso modo, a escrita do BO parte das informações que o policial coleta no local da ocorrência. Essas informações são, muitas vezes, fornecidas pelas pessoas que de alguma forma participaram ou tomaram conhecimento do fato a ser relatado. Portanto, o texto final depende das informações recebidas pelo policial redator. Nessas condições, é possível que a informação prestada por um dos envolvidos³ requeira que se solicite mais esclarecimentos a outro envolvido, até que, para o redator, seja possível contar o fato de maneira clara e completa. Nesse caso, como também diante da necessidade de inserir

3 Envolvido é o termo genérico utilizado para indicar as pessoas envolvidas na ocorrência, as quais recebem denominação específica, de acordo com sua participação: autor, vítima, testemunha, etc.

correções ou esclarecimentos, demanda-se a reorganização da escrita, com inserção, exclusão ou alteração do que já estava inserido.

Embora, em situações específicas⁴ não se exija a entrega do BO ao destinatário logo após a atuação policial – o que, em tese, permite mais tempo para revisão, são comuns os casos em que o documento deve ser entregue tão logo seja produzido. Neste caso, a agilidade na escrita e no encerramento do BO tem implicações no início das providências policiais decorrentes, assim como na liberação do policial para atuar em outras ocorrências. Tratando-se de documento oficial, com desdobramentos em várias esferas – inclusive a judicial, os erros não poderiam ser sanados com rasuras ou com qualquer recurso que levantasse suspeição sobre a autenticidade do registro. Por isso, na utilização do formulário manuscrito, a necessidade de correções resultaria na perda do texto escrito inicialmente e, via de consequência, no retrabalho. Utilizando o suporte virtual, o processo de produzir alterações é simplificado e agilizado, graças aos recursos próprios do meio digital.

Além das facilidades para implementar revisões no texto, o trabalho do policial redator também se torna mais cômodo graças aos hipertextos digitais, que organizam e categorizam as demais informações próprias do gênero BO. Por meio de um menu exibido no aplicativo, o policial registra, na sequência mais adequada às circunstâncias, as informações sobre os envolvidos – nome, endereço, filiação etc.; sobre o local da ocorrência; sobre os materiais apreendidos, dentre outras.

A intensificação das possibilidades da escrita topográfica, permitida pela adoção dos suportes digitais, traz mais comodidade para a produção dos gêneros de maneira geral. Além disso, no caso do BO, essa comodidade resulta, também, mais qualidade no serviço executado pelo próprio redator.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As análises realizadas permitem constatar que a transposição do suporte, no caso do BO, cria novas condições para escrita do gênero. Dadas as circunstâncias em que ocorre a produção e a possibilidade de arranjar e reorganizar o texto com mais comodidade do que ocorria com o formulário impresso, o trabalho do policial é facilitado, já que as revisões não implicam a anulação do que já estava escrito, nem a inserção de informações resulta na anulação do objeto inicialmente produzido.

Isso permite constatar que a modificação do suporte teve implicações práticas nas condições de produção do BO. No caso do BO, o favorecimento da escrita topográfica tem como consequência mais agilidade e efetividade no trabalho executado pelo redator.

4 Reguladas pelas normas internas da PMMG, com base nas categorias de ocorrências e seus possíveis desdobramentos.

Resta a necessidade de concluir estudos no sentido de perceber as características textuais do BO produzido no ambiente virtual, o que permitirá identificar em qual medida a transposição do suporte afetou a parte narrativa e o gênero de maneira mais ampla⁵.

REFERÊNCIAS

BOLTER, Jay David. Topographic writing: hypertext and the electronic space. In: DELANY, Paul; Landow, George P. Hypermedia and literary studies. London: MIT Press, 1991. p. 105-118.

CAVALCANTE, Marianne Carvalho Bezerra. Mapeamento de produção de sentido: os links no hipertexto. In: MARCHUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antônio Carlos (Org.). Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2010. p. 198-220.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: Dionísio, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel (Org.). Gêneros textuais & ensino. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. p. 19-36.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Produção textual, análise de gêneros e compreensão. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

RIBEIRO, Ana Elisa. Ler na tela: letramento e novos suportes de leitura e escrita. In: COSCARELLI, Carla Viana; RIBEIRO, Ana Elisa (Org.). Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2005. p. 125-150.

SANTAELLA, Lúcia. Matrizes da linguagem e pensamento: sonora, visual, verbal: aplicações na hipermídia. 3ª ed. São Paulo: Iluminuras: FAPESP, 2005.

5 A identificação desses aspectos é objeto de pesquisa em andamento no Mestrado em Estudos Linguísticos do CEFET/MG, cujos resultados serão divulgados oportunamente.